

**A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DO DISCURSO SOBRE O CIENTISTA:
METÁFORAS NA AVENTURA DE TINTIM “RUMO À LUA”**

Ana Paula Simonaci Valentim

Universidade de Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO

Neste artigo, pretende-se analisar as representações do cientista no universo das histórias em quadrinhos, utilizando como veículo as narrativas que envolvem o personagem Professor Trifólio Girassol, no álbum “As aventuras de Tintim - Rumo à Lua”, publicados por Hergé em 1954, com base nas metáforas utilizadas por um personagem considerado leigo em ciência, o Capitão Haddock. A representação do cientista nesse universo é marcada por figuras de loucos, gênios, distraídos, heróis ou, até, homens perigosos; é, portanto, uma imagem contraditória e complexa. Isto decorre do fato de que a ciência costuma ser retratada pelas artes, pelas mídias e pela literatura como uma aventura humana carregada de inquietações, rica de promessas e de perigos e fonte de um conhecimento objetivo e democrático, embora, ao mesmo tempo, místico e, aparentemente, inalcançável para a maioria das pessoas. As representações de cientistas, veiculadas pela divulgação científica em imagens e textos, nesse sentido, são reais tanto para a ciência quanto para o senso comum. São substituições do próprio cientista. A escolha de valorizar o estudo das representações sociais como forma analítica nas áreas da divulgação científica tem como base a crença de que essa valorização representa um avanço, significa efetuar um corte epistemológico que contribui para o enriquecimento e aprofundamento de como a imagem da ciência se constrói no universo das histórias em quadrinhos.

PALAVRAS-CHAVE: quadrinhos; cientista; representação social.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, pretende-se analisar as representações do cientista no universo das histórias em quadrinhos, utilizando como veículo as narrativas que envolvem o personagem Professor Trifólio Girassol, no álbum “As aventuras de Tintim - Rumo à Lua”, publicados por Hergé em 1954, com base nas metáforas utilizadas por um personagem considerado leigo em ciência, o Capitão Haddock.

Os cientistas são figuras comumente exploradas no universo dos quadrinhos. Professor Pardal, Professor Xavier no X-men, Watchmen entre outros, são alguns dos

muitos e excêntricos personagens cientistas que fazem parte do universo das histórias em quadrinhos e de outros formatos de histórias literárias e midiáticas das últimas décadas.

A representação do cientista nesse universo é marcada por figuras de loucos, gênios, distraídos, heróis ouvilhões; é, portanto, uma imagem contraditória e complexa. Isto decorre do fato de que a ciência costuma ser retratada pelas artes, pelas mídias e pela literatura como uma aventura humana carregada de inquietações, rica de promessas e de perigos e fonte de um conhecimento objetivo e democrático, embora, ao mesmo tempo, místico e, aparentemente, inalcançável para a maioria das pessoas. (CRUZ, 2007)

As metáforas são formas de traduzir o mundo, deslocando um termo para uma esfera de significação que não é a sua, com objetivo de estabelecer representação do mundo por meio de analogias (ORRICO, 2001), admitindo que a organização mental é realizada por intermédio da construção de esquemas de conhecimento de mundo, socioculturalmente estabelecidos e que, para serem representados, devem ser compartilhados pelos membros do grupo social. (LAKOFF; JOHSON, 2002)

Nas HQs do Tintim, o personagem Capitão Haddock se utiliza de diversas metáforas para descrever o Professor Girassol. Com base nessas metáforas utilizadas, é de nosso interesse formar um retrato de como é a construção da imagem do cientista no universo do álbum “As aventuras de Tintim – Rumo à Lua”.

REPRESENTAÇÃO DO CIENTISTA NAS HQ'S

As representações sociais cumprem uma função dinâmica: a de tornar familiar o que é estranho ao sujeito. Além disso, também agem como uma forma de manutenção e equilíbrio de uma identidade social. Nelas, está inserida uma relação de simbolização e de interpretação em relação ao objeto. E, por seu turno, essa atividade é construção e expressão do sujeito pela interação entre processos cognitivos, intrapsíquicos, de pertença social e participação cultural. (JODELET, 2001).

Moscovici (2001), em sua teoria, afirma que as representações sociais fluem alagadas de realidade, do universo da ciência para o universo consensual, o senso comum, por meio de instrumentos de linguagem. Assim, abordam-se os quadrinhos como instrumentos de linguagem que se prestam a traduzir conceitos de um universo ao outro.

As representações de cientistas veiculadas pela divulgação científica em imagens e textos, nesse sentido, são reais tanto para a ciência quanto para o senso comum. São substituições do próprio cientista.

Utiliza-se nesse artigo o conceito de divulgação científica cunhado por Mora (2003, p. 7): “[...] ponte entre o mundo da ciência e os outros mundos”, considerando essa comunicação “[...] um canal que possibilita ao público leigo a integração do conhecimento científico à sua cultura”.

Ainda segundo Mora (2003), antes do surgimento da Ciência Moderna, eram feitas as comunicações científicas, em linguagem natural, acessíveis tanto a cientistas quanto a leigos, o que proporcionava a possibilidade a todos os cidadãos de acompanhar as descobertas importantes, caso tivessem desejo de ouvi-las quando pronunciadas publicamente. Desse modo, nos primórdios da nova ciência, os escritos científicos eram acessíveis aos não iniciados.

A especialização da linguagem, que se desenvolveu a partir da ciência moderna, pouco a pouco, afastou cientistas de leigos no que se refere à comunicação de descobertas e de processos.

“A ciência se torna uma forma impessoal de olhar o mundo, forma essa que requer uma nova linguagem simbólica para descrever o Universo” (MORA, 2003, p. 12). Em suma, a impessoalidade do tratamento dos assuntos da ciência, herança da ciência moderna e consequência do desaparecimento dos seres humanos nos escritos científicos, teve como reflexo o afastamento de pessoas comuns na divulgação da ciência.

Atualmente, a divulgação científica gera na sociedade um contato maior com as respostas que a ciência produz para o que, até então, era considerado mistério sobre o

mundo. Tal contato com o mundo da ciência permite incentivar a educação e pode provocar o despertar de uma consciência crítica.

O AUTOR - HERGÉ

Pretende-se nessa parte, fazer uma breve introdução ao autor e artista Hergé, tendo em vista que o discurso presente na obra analisada é também construído socialmente por meio da visão de mundo do artista, que utilizou da linguagem quadrinhística como meio de expressão.

Georges Remi, também conhecido como Hergé (a leitura de suas iniciais invertidas em francês, R. G.), nasceu em 22 de maio de 1907, em Etterbek, nos arredores de Bruxelas (Bélgica). Foi autor de *Histórias em Quadrinhos*, ilustrador e publicitário. Filho de pai *wallon*¹ e mãe flamenga (ambos católicos), Hergé se considerava um “belga sintético”: Era de fato francófilo, mas não deixava também de apreciar sua herança flamenga. (TAMBASCIA, 2004)

Em 1927, após o serviço militar, Hergé passa a trabalhar integralmente no *Vingtième Siècle* como repórter fotográfico e desenhista. O jornal era considerado na época o grande órgão de informação da burguesia conservadora católica.

À semelhança de Hergé, o também wallon, Wallez era nacionalista, anti-semita, anticomunista, conservador, parlamentarista e anti-maçon, Wallez era conhecido pelo carisma, mas também pela virulência e pela agressividade com que defendia suas opiniões. Entusiasta da chegada do católico Mussolini ao poder na Itália em 1923, era chamado de fascista por muitos adversários, além de suas aproximações com argumentos anti-semitas que culpavam judeus pelos problemas econômicos.

Wallez incentivou o jovem Hergé a assumir grandes responsabilidades em seu jornal em idade precoce. Tambascia (2004) comenta que se os biógrafos de Hergé

¹ Valões (em francês: *Wallons*) são um povo de origem germânica e céltica que habita a região da Valônia, na atual Bélgica. Falam idiomas românicos, como o valão, o francês e o picardo.

admitem a influência moral e intelectual de Welles em sua vida, são, entretanto, mais reticentes sobre a incorporação das ideias políticas e religiosas.

O fato é que Hergé não pode ser considerado de maneira alguma um fascista católico, mas existiram alguns episódios que causaram desconforto e constrangimento ao desenhista, já adulto, por exemplo, quando, ao final da guerra, ficou cerca de um ano sem trabalhar, por causa de uma investigação por ter colaborado com o regime invasor nazista durante a ocupação. Além disso, é claro nos seus quadrinhos o respeito pela ordem e pela religião, buscando instruir no divertimento.

Hergé publicou suas histórias em francês, possibilitando acesso a um amplo público consumidor. Além disso, sua obra foi traduzida em mais de 40 línguas.²

Em 1928 passou a ser redator chefe do *Le petit Vingtième*, suplemento semanal de *Le Vingtième Siècle*. Nesse mesmo suplemento surgiu pela primeira vez *Tintin* (Tintim), no dia 10 de janeiro de 1929, em uma história na qual visita o “País dos Sovietes”, e os 22 álbuns seguintes foram lançados ao longo dos anos, até meados da década de 1980 (TAMBASCIA, 2004).

O autor atribui o grande sucesso da obra ao fato de os álbuns destinarem-se a “todos os jovens dos sete aos setenta e sete”. Hergé conta através de suas histórias diversas viagens repletas de aventuras e curiosidades, conseguindo captar a atenção de seu público não só pela narrativa, como também por seus desenhos com reproduções diversas de vestimentas, locais, meios de transporte e paralelismos com situações reais.

AS AVENTURAS DE TINTIM – RUMO À LUA

Faremos uma breve apresentação da obra que será analisada no presente artigo: As aventuras de Tintim – Rumo à Lua, de Hergé.

Surgida em 1929, “As aventuras de Tintim”, de Hergé, narram a história de um jornalista chamado Tintim e seu cachorro Milu. Ao longo de suas aventuras, surgem

²Hergé. In Infopédia. Porto: Porto Editora, 2003-2013. [Consult. 2013-05-28]. Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$herge](http://www.infopedia.pt/$herge)>.

novos personagens, alguns com maior importância como o Capitão Archibald Haddock e os policiais Dupond e Dupont, que aparecem em quase todas as aventuras e, alguns personagens que aparecem com menos frequência como, a cantora lírica Bianca Castrafiori, o mordomo Nestor, e personagem que nos interessa em particular, Professor Trifólio Girassol.

Em 1950, tendo decidido realizar Explorando a (tem crase?) Lua (no qual o álbum “Rumo à Lua, analisado no presente artigo, é a primeira parte, que contém os preparativos para a viagem realizada para a Lua), um episódio das aventuras de Tintim que requeria um trabalho técnico importante, um rigor documental e uma atenção particular, Hergé junta-se com colaboradores e funda os Estúdios Hergé. O álbum ‘*Tintim – Exploradores da Lua*’, vendeu mais de 5 milhões de cópias desde que foi publicado em 1954, tornando-se o álbum mais famoso

Por volta do final da década de 1960, o sucesso do personagem cresceu consideravelmente, levando o presidente de Gaulle a dizer que seu único rival era Tintim.

Nuno Crato (2003) comenta que

Um dos aspectos mais interessantes dos álbuns de Tintim é o rigor com que são desenhados. Hergé coligiu arquivos fotográficos imensos. Colecionou catálogos de aviões e máquinas. Fez maquetas de foguetões e edifícios, para melhor desenhar os seus quadradinhos. Em muitos casos, acompanhou ou antecipou os progressos científicos do século. Ler a ciência nas aventuras de Tintim é um passatempo apaixonante. O leitor mais interessado pode reportar-se ao suplemento «Tintin Chez LesSavants», da revista «Science et Vie», ou a «Tintin: The Complete Companion», de Michael Farr. Mas o melhor mesmo é reler as aventuras do jovem repórter.

Para escrever o álbum “A viagem à Lua”, Hergé se aconselhou com diversos cientistas, incluindo o professor Alexandre Ananoff, autor de uma famosa obra astronáutica editada em francês. O autor antecipa a verdadeira viagem à Lua, que só se

realizaria 15 anos depois; a aventura utiliza recursos ultra modernos, como se pode ver pelo foguetão do Professor Girassol que é movido a energia nuclear, logo que tinha uma reserva energética imensa, dando-lhe a possibilidade de pousar e vencer a atração lunar. O foguetão de Tintim é inspirado no V-2 alemão de Von Braun, além disso, alguns fatos relevantes destacam-se como a ausência de peso sentida pelos astronautas quando o motor pára, assim como o fato de o autor retratar com bastante verossimilhança o asteróide “Adonis”, levando-se em conta que, àquela altura, nunca se tinha visualizado um asteróide. No entanto, a ausência de movimento relativo entre o foguete e o asteróide não é tão realista, logo que a inércia do movimento da nave deveria afastá-la do asteróide. (CRATO, 2003)

PERSONAGEM PROFESSOR TRIFÓLIO GIRASSOL

O Professor Girassol é um personagem secundário das histórias em quadrinhos “As aventuras de Tintim”. A primeira aparição do Professor Girassol se dá no álbum “O Tesouro de Rackham, o terrível”(1944), quando o cientista é convocado para ajudar na construção de um submarino.

Segundo Nuno Crato (2003)

os sábios de Tintim correspondem a uma visão romântica dos homens de ciência. O professor Girassol não trabalha em nenhuma universidade nem centro de investigação. Tem um laboratório em casa e é auto-suficiente, o que já não fazia sentido em pleno século XX. É um cientista de múltiplas habilidades. Inventa submarinos individuais, máquinas de escovar roupa, aparelhos de produzir água gaseificada, armas de ultra-sons, foguetes espaciais e patins a motor. Dedicar-se à botânica, à física nuclear e a múltiplas outras disciplinas. Os cientistas do século XX não podiam já dispersar-se em tantas atividades.

Quanto à relação de aparição do personagem nas histórias de Tintim, Tambascia (2004) afirma que “dos personagens que aparecem 8 ou mais vezes ao longo das publicações, os inspetores deixaram de aparecer em apenas 3 histórias, o capitão Haddock figurou em 15 histórias, o professor Girassol em 12, o mordomo Nestor em 10 e Castafiore em 9.”

Sendo assim, o professor tem um número razoável de aparições, ficando logo atrás do Capitão Haddock e dos inspetores Dupond e Dupont.

A LINGUAGEM DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Podemos dizer que a linguagem quadrinhística é a união de sistemas de linguagem diferentes. A imagética, reunindo as noções de perspectiva, simetria, hachuras, pinceladas, tonalidades, contornos, cores, etc. E a textual, que engloba a gramática, a sintaxe, sistemas morfológicos e outros. (COSTA, 2007)

Eisner (2001) afirma que a união de diferentes linguagens não é algo novo, mas que, dentro dos contextos de transformações ocorridas na contemporaneidade em diferentes esferas, essa união encontrou o *habitat* perfeito para uma maior aceitação, difusão e desenvolvimento.

Costa (2007) expõe duas funções que Barthes traça a respeito da relação textual-imagética, dividindo-as em fixação e relais. Nesse artigo nos ateremos apenas à segunda função, a relais:

Barthes (1990) diz que a linguagem dos quadrinhos possui essa função porque “a palavra e a imagem têm uma relação de complementaridade; as palavras são, então, fragmento de um sintagma mais geral, assim como as imagens, e a utilidade da mensagem é feita em um nível superior: o da história, o da anedota, o da diegese”, assim, as histórias em quadrinhos devem ser compreendidas como um “todo articulado” (SRBEK, 2005)

Além dessa composição de diferentes sistemas linguísticos, existem outros elementos que caracterizam a linguagem das HQs.

Para produzir a ideia de som, intensidade sonora, pensamento, mudanças espaço-temporais, ente outros, as HQs se utilizam de diversos signos característicos. Segundo Eisner (2001), alguns destes seriam os balões (recipiente do texto diálogo proferidos pelos personagens, seguidos do rabinho), o rabinho (indicador de que parte do balão para o personagem), o quadrinho e o requadro (quadro que contém uma determinada cena – *box frame* – e o seu contorno), as calhas (espaço entre quadrinhos) e as tiras (fila de quadrinhos – da esquerda para direita – da página)

Afirmamos, então, que as HQ constituem um gênero (BAKHTIN, 2003) que pressupõe a construção de um discurso ideologicamente conformado. Nesse sentido, cabe apresentar a concepção de discurso, a partir da vertente francesa de Análise do Discurso.

LINGUAGEM, IDENTIDADE E IDEOLOGIA

Com o objetivo de analisarmos as metáforas utilizadas na representação do cientista por leigos, buscamos aqui introduzir uma breve noção de construção de significado, relacionando a linguagem com identidade e ideologia. Para em seguida, dentro dessa visão, apontar uma definição discursiva do conceito de ideologia.

Para fins de reflexão a respeito da construção de significado, é necessária a articulação do termo linguagem à identidade. Para tanto, a linguagem é vista de modo de “ação” social, lugar de conflito, no qual a significação se representa.

(...) não se trata aqui de evocar, em geral, “o papel da linguagem” nem mesmo “o poder das palavras” deixando incerta a questão de saber se se trata do signo, que designa alguma coisa para alguém, como [...], ou se se trata do significante, isto é, daquilo que representa o sujeito para um outro significante[...]. É claro que, para nossos propósitos, é a segunda hipótese que é boa, porque nela é que está a questão do sujeito como processo (de representação) interior ao não-sujeito constituído [agora em sujeito] pela rede de significantes (PECHEUX, 2002)

Ao dizermos que o processo de significação do sujeito e do mundo ocorrem juntos, concordamos com Orlandi (2003) que afirma ser a linguagem uma prática de sentidos. De modo que se o uso da linguagem permanece formado socialmente, sendo essencialmente orientado por formações ideológicas, podemos dizer que a visão de mundo seria o resultado da conjunção dos fatores sociais.

Assim, a conceito de ideologia, permanece como uma função necessária da relação entre linguagem e o mundo.(ORLANDI, 2003)

Bakhtin (2004) concebe a natureza ideológica do signo linguístico como sistema imutável de regras utilizadas por locutores dentro de suas necessidades de enunciação que implicam sempre um “contexto ideológico preciso”, de modo que a palavra definida como um produto da interação social seria, dentro dessas concepções, um signo ideológico por excelência.

O conceito de discurso que Pêcheux (2002) estabelece também é fortemente calcado na concepção althusseriana de ideologia. Ele afirma que o “laço que liga as ‘significações’ de um texto às condições sócio-históricas desse texto [...] é constitutivo das próprias significações” (APUD MALDIDIER, 2003), o que lhe permite acrescentar que as palavras mudam de sentido conforme as posições ideológicas daqueles que as empregam. De forma que, se o sujeito é *produzido* no interior de formações discursivas específicas, os discursos constroem, pelas suas regras de formação e enunciados, posições-de-sujeito. Assim, a realidade se constitui nos sentidos que na qualidade de sujeitos praticamos.

Portanto, todos nós sofreríamos influência das forças sociais. Deste modo, nossa análise acerca das representações metafóricas pretende ser eficiente na relação entre o leigo e o cientista.

METÁFORA

O vocábulo metáfora, do grego *metephorá*, *meta*=trans+ *phérien*= levar, significa uma mudança no sentido original para um figurativo, assim a metáfora é uma figura de

linguagem que desloca um termo para uma esfera de significação que não é a sua, com objetivo de estabelecer representação do mundo por meio de analogias. (ORRICO, 2001)

O conceito tradicional de metáfora foi iniciado por Aristóteles, no século IV a.c., que a definia como uma *epiphora*, um termo que remete a deslocamento, sendo a transposição de um nome estrangeiro para denominar outra coisa. (COELHO, 2006)

Para Ricoeur (2000) a metáfora é “[...] um processo retórico pelo qual o discurso liberta o poder que certas ficções comportam de redescrever a realidade”.

Lakoff e Johson (2002) propuseram que o ser humano organiza o conhecimento através de estruturas denominadas modelos cognitivos idealizados (MCI) e que a partir dessas organizações se dão estruturas de categorias.

A partir dessa proposta admite-se que a organização mental é realizada por intermédio da construção de esquemas de conhecimento de mundo, socioculturalmente estabelecidos e que, para serem representados, devem ser compartilhados pelos membros do grupo social.

Dessa forma, pretende-se que com a análise das metáforas que se referem ao cientista Professor Trifólio Girassol busquemos formar um retrato de como é a construção da imagem do cientista no universo das HQs.

ANÁLISE DO CIENTISTA PROFESSOR TRIFÓLIO GIRASSOL

Para compreender a construção discursiva que as HQ fazem do cientista no universo ficcional dos quadrinhos, em especial o personagem Trifólio Girassol, este artigo visa compreender uma análise do discurso, na materialidade da linguagem e da imagem no álbum “Rumo à Lua”, publicada em 1950 por Hergé.

Para fins sistemáticos em nossa análise, apresentamos em seguida uma breve contextualização de cada metáfora relativa ao Professor Trifólio Girassol, mencionadas

pelo personagem Capitão Haddock, considerado para fins desta análise, como um público leigo em ciência.

Logo no início da história do álbum “Rumo à Lua”, o Capitão Haddock e Tintim recebem um telegrama do Professor Girassol informando brevemente que está na Sildávia, em seguida, em um diálogo com Tintim, mencionam o fato de o Professor Girassol não ter avisado nada a respeito da viagem, e o Capitão o descreve como “um caso à parte”, assim demonstrando que esse não é como as pessoas ditas “comuns” e por isso seria um “caso” diferente dos outros.

A partir daí, os personagens fazem uma viagem com o intuito de se encontrarem com o Professor Girassol. Ao chegarem lá, o Professor expõe seu projeto de viagem à Lua, que leva o Capitão a uma imensa gargalhada por entender tal ato como impossível, portanto o descrevendo com metáforas como “piada”, como um habitante do “mundo da Lua” e “figura”. Para o Capitão, tais projetos são vistos com comicidade, por se tratarem de proezas impossíveis e imaginárias apenas, longe de serem cogitadas com seriedade, e que só alguém com a cabeça cheia de fantasias poderia falar sobre tais planos com seriedade.

Em seguida, afirma que este está com um “elétron solto”, pelo fato de ter proposto que o Capitão o acompanhasse na viagem. Essa metáfora é de interesse relevante, tendo em vista que o uso comum da expressão seria “parafuso solto”, mas ao substituir “parafuso” por “elétron”, temos um termo relacionado a uma categoria científica para descrever o cientista, ficando evidente a associação que o Capitão faz entre o professor Girassol e a ciência, mas mantendo o sentido depreciativo relativo à loucura da expressão.

No momento em que o Professor Girassol exhibe seu foguete ao Capitão, este afirma “Coitado do Girassol! Seus parafusos devem estar frouxos... Como este mastodonte pode subir ao céu?”. O Capitão nesse momento, mais uma vez, duvida do projeto do Professor Girassol, considerando improvável que um foguete tão grande possa subir ao céu, e sugere a ideia de que o cientista não está com suas faculdades mentais em perfeito estado.

Em um momento da trama, o Professor é diagnosticado com amnésia, e depois de diversas tentativas de curá-lo dando-lhe sustos, o Capitão diz “Você não podia ter medo pelo menos?...hein, sua marmota velha?”. Nesse caso, “Marmota” assume o significado de “desajeitado”³, enquanto o “velha” se dá pelo fato de o cientista ter idade avançada.

Pode-se notar que todas as metáforas tem um cunho depreciativo, de maneira que o cientista é representado como alguém próximo à loucura, desajeitado, e que, ainda por cima, por estar com idade avançada, não deve ser levado a sério. Note-se, então, a relação entre desajuste e o campo científico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos como se dá a construção da representação dos cientista nas HQs. E, em seguida, explicitamos um breve relato sobre o autor Hergé, a obra “Rumo à Lua” e o personagem Professor Trifólio Girassol.

Explicitamos brevemente como se dá a construção da linguagem nas HQ, para em seguida, buscando introduzir uma breve noção de construção de significado, relacionarmos a linguagem com identidade e ideologia, com base nas teorias de Michel Pêcheux e Mikhail Bakhtin, demonstrando que todos nós sofreríamos influência das forças sociais, razão da eficiência da nossa análise acerca das representações metafóricas na relação entre o leigo e o cientista.

Trabalhamos a metáfora, a partir de Lakoff e Johnson, admitindo que a organização mental é realizada por intermédio da construção de esquemas de conhecimento de mundo, socioculturalmente estabelecidos e que, para serem representados devem ser compartilhados pelos membros do grupo social.

Por fim, ao analisarmos as metáforas na representação do personagem Professor Trifólio Girassol, na categoria de cientista, feitas pelo personagem Capitão Haddock, por sua vez, na categoria de público leigo em ciência, constatamos que todas as

³ INFORMAL, Dicionário de Português gratuita para internet. 2013. Disponível em < <http://www.dicionarioinformal.com.br/responsividade/> >. Acesso em 30 ago. 2013.

metáforas utilizadas no álbum “Rumo à Lua”, têm cunho depreciativo, considerando o cientista como um louco, que não deve ser levado a sério, desajeitado, com idade avançada e cheio de fantasias e abstrações.

REFERÊNCIAS

BAKTHIN, MikhailMikhailovitch. **Marxismo, filosofia e linguagem.** São Paulo: HUCITEC, 2004.

BAKTHIN, MikhailMikhailovitch. **Estética da criação verbal.** 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003

COELHO, Priscilla Arigoni. **Metáfora dos “Objetos Deflagrados”, Anos 70:** as fronteiras da memória e da identidade na Arte Conceitual Brasileira. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2006. 170 p. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

COSTA, Robson. **Linguagens contemporâneas: discurso e memória nos quadrinhos de super-heróis.** Rio de Janeiro: UNIRIO, 2007. 138 p. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

CRATO, Nuno. Tintim e a ciência. **O mocho** – Portal de ensino das Ciências e de cultura científica, 2003. Disponível em:<http://nautilus.fis.uc.pt/cec/arquivo/Nuno%20Crato/2003/20030308_Tintim_e_a_ciencia.pdf> Acesso em: 20 abr. de 2013.

CRUZ, JolianeOlschowsky da. **Representações de cientistas na narrativa do cinema de ficção e na divulgação científica.** In:*SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA*, 12., 2007. *Bahia. Anais.* Disponível em: <http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/Mesas/Joliane%20Olschowsky%20da%20Cruz.pdf>. Acesso em: 05 set. 2012.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais.** . Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17-44.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáfora da vida cotidiana.** Campinas, São Paulo: EDUC, 2002.

MALDIDIER, Denise. **A Inquietação do Discurso:** (re)ler Michel Pêcheux hoje. Campinas, SP: Pontes, 2003.

MORA, Ana Maria Sánchez. **A divulgação da ciência como literatura.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais:** investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p.1-109; 167-213.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso:** princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2003.

ORRICO, Evelyn Goyannes Dill. A Representação metafórica como Filtro de Recuperação da Informação. **DataGramaZero** – Revista de Ciência da Informação, v.2, n.5, out/01. Disponível em: <<http://WWW.dgz.org.br/>>. Acesso em: 29 mai. de 2013.

PECHEUX, Michael. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Campinas, SP: Pontes, 2002.

RICOUER, Paul. **A metáfora viva.** São Paulo: Edições Loyola, 2000.

TAMBASCIA, Christiano Key. **Representando o Congo: uma análise antropológica dos quadrinhos de Tintim.** Campinas: Unicamp, 2004. 159 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.